

Negociação fica mais difícil, afirmam banqueiros

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Ao contrário das outras vezes, agora os banqueiros americanos já não especulam entre si quem poderia ser o novo Ministro da Fazenda do Brasil. Para eles, a esta altura parece já não importar o nome, desde que a orientação central — ou seja, do Palácio do Planalto — foi definida no episódio que afastou Luiz Carlos Bresser Pereira do Ministério.

— Se ele caiu justamente porque tentava fazer o que era necessário ser feito, parece que já não há mais remédio —, disse ao GLOBO, ontem, um dos maiores credores americanos do Brasil. “Diante dessa situação fica cada dia mais difícil, inclusive, encaminhar a negociação que já iniciamos. Muitos bancos estão recuando e não será fácil montar um pacote financeiro para acertar as contas com o Brasil” disse ele.

Para os banqueiros, está claro que qualquer ministro continuará encontrando obstáculos políticos para realizar seu trabalho. Numa longa ma-

téria publicada ontem, o Wall Street Journal — a bíblia do mercado financeiro internacional — afirmou que a renúncia de Bresser Pereira indica que não é possível haver uma séria administração econômica no Brasil, e torna mais lenta a busca para uma solução da crise da dívida externa do País.

No mesmo artigo, o jornal afirmou que o Presidente José Sarney sempre esteve em uma posição antagônica à do então Ministro da Fazenda: “Quando Bresser Pereira estava fora do País, o Presidente cortava suas iniciativas dizendo que ninguém havia autorizado as propostas do ministro”, dizia o artigo.

Há entre os banqueiros, hoje, um clima de desânimo pontilhado por declarações de angústia. Afinal, eles precisam fechar seu balanço em uma semana, e ainda existe um considerável buraco a ser coberto pelo Brasil: o acordo provisório para pagar os juros do último trimestre ainda está dependendo da assinatura de alguns credores para se tornar válido.

Já existem adesões suficientes pa-

ra juntar US\$ 1 bilhão que somado aos US\$ 500 milhões comprometidos pelo Brasil, pagariam os juros de outubro a dezembro. O problema, no entanto, é que o acordo vai além desse período. O documento estipula que os bancos darão outros US\$ 2 bilhões (que somados a US\$ 1 bilhão do Brasil) compensariam os juros entre fevereiro e setembro deste ano. Só que alguns banqueiros ainda não se decidiram a completar o pacote com receio das novidades que podem chegar do Brasil.

— O que há, no fundo, é uma crise de confiança —, disse ao GLOBO um banqueiro do Oeste.

A questão é delicada pois, boa parte dos bancos não dispõe de capital para poder abrir mão de parte da dívida brasileira, ou para aumentar suas reservas com a finalidade de cobrir juros não pagos pelo Brasil. Uma dilatação da moratória teria de ser registrada nos livros como prejuízos reais. Isso significaria um verdadeiro caos para o sistema financeiro americano e tornaria ainda mais difícil para o Brasil conseguir dinheiro novo dos bancos.